



O Equívoco da Imprensa Esportiva¹

O jornalismo esportivo abriu mão de tudo em prol de um erro: o gol mil de Romário.

Autor: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra²
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Este trabalho tem como objetivo demonstrar o caminho perigoso que o jornalismo esportivo tomou, tendo como pano de fundo a suposta marcação do milésimo gol de Romário. Parte da imprensa abandonou os critérios de apuração e, mesmo sabendo que se tratava de uma marca inventada pelo jogador e seus assessores, assumiu o erro e o tratou como informação verdadeira. Tudo em nome do “show”, em nome do passado do jogador, do seu esforço, contrariando o comportamento ético que se espera dos profissionais que atuam com informação, independente de ser em matérias do dia-a-dia ou colunas.

Palavras-chave

Imprensa; Jornalismo; Esporte; Ética; Romário

Corpo do trabalho

Não é de hoje que o jornalismo esportivo vive um conflito enorme na relação informação x paixão. Mais do que qualquer outro setor da comunicação, o esportivo alimenta fortemente as questões sobre parcialidade, isenção e apresenta o risco constante do profissional de comunicação cometer deslizes perigosos no que se refere à ética e compromisso com a verdade. Estamos diante de um dos maiores equívocos cometidos nos últimos tempos pela imprensa esportiva: usando e abusando da idéia de que o importante é o espetáculo, profissionais deixaram de lado tudo o que aprenderam e deveriam colocar em prática em prol de um gol mil de Romário, que todos sabiam ser uma fraude. Este trabalho pretende trazer, para discussão, o comportamento ético de quem atua no campo do esporte na comunicação, tendo este fato como pano de fundo.

A pesquisa que se apresenta foi realizada envolvendo dois jornais – Lance e O Globo- a partir do jogo em que o Vasco venceu o Boavista, quando Romário marcou três vezes, ficando, supostamente, a dois gols do milésimo. Deste dia, em diante, o que

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica.

² Doutor em Comunicação pela UFRJ; Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ; Especialista em Marketing, pela fundação Educacional Machado Sobrinho; graduado em Comunicação pela Federal de Juiz de Fora. Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação da UFJF na graduação e especialização. Autor do livro “Você, ouvinte, é a nossa meta – A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol” e co-autor do livro “Comunicação e Esportes- Tendências”. marcio.guerra@ufjf.edu.br



se viu foi todo tipo de desacerto e descompromisso com o jornalismo. Nas matérias do dia-a-dia e nas colunas, profissionais da comunicação anunciaram, sem nenhum pudor, que qualquer coisa referente ao compromisso com a verdade deveria ser relevada em função do papel que representa Romário para o futebol.

Vamos combinar. Utilizo dessa expressão que passou a fazer parte do dia-a-dia do brasileiro para realmente “combinar” com você, leitor. Vamos acertar, desde agora, o que temos em comum: concordamos que Romário é ou foi um grande jogador (para alguns, craque; para outros, um talento; para outros tantos, um bom jogador). Também sabemos que ele não é e nunca foi um exemplo de comportamento de atleta. João Saldanha, o maior comentarista e filósofo do futebol, já dizia em suas intervenções no rádio: “jogador não é para casar com minha filha, portanto, o que ele faz fora de campo, não tem a menor importância”. Certo. Expressão de outro comentarista, Gérson, o Canhotinha, que afirmou que Romário nunca foi um atleta, sempre foi um jogador de futebol. Fechando o nosso acordo, também concordamos que Romário merece todo reconhecimento da mídia e do torcedor e merecia chegar aos mil gols, até pelo empenho de atingir os 41 anos e se motivar na busca de um ideal.

Se estamos de acordo nisso tudo, ótimo. Todos esses sentimentos e impressões sobre Romário e mais qualquer outro que se queira atribuir a ele procedem. O que não se pode concordar é que a mídia tenha sofrido de um surto, quase que geral, e tenha rasgado, literalmente, todos os códigos de ética, responsabilidade e compromisso com o público. O que se fez nas páginas dos jornais, programas esportivos de rádio e televisão, revistas e sites em torno do gol mil foi, na verdade, pegar os conceitos primordiais de jornalista e atirar no lixo, como se os fins justificassem os meios. Na maior cara de pau e com argumentos inacreditáveis para se apoiar na atitude.

Vamos mostrar como a mídia se perdeu no oba-oba do milésimo gol e mostrou toda a fragilidade de apuração e de controle de si mesma. Todos nós sabemos que atingir ou revelar a verdade sobre um fato sempre foi polêmico e difícil de se chegar a um acordo entre os estudiosos da comunicação. Para alguns, essa verdade é impossível e utópica, para outros é obtida ouvindo-se os dois ou mais lados, muitos entendem que ela pode ser vista de diversas formas e ângulos. O que não se pode é tomar conhecimento de que algo não é verdade e transformá-lo em verdadeiro, sob qualquer argumento. Nada justifica. Desmerecer pesquisas sérias, análise em cima de dados e dizer que não devem ser relevantes porque Romário merece a festa é o mesmo que



dizer: relevem tudo o que noticiarmos porque tudo depende de mérito e outros critérios subjetivos.

O fator emocional sempre trouxe uma certa distinção (sob o lado bom e ruim) para o jornalismo esportivo. O que proporciona uma linha bem tênue entre a emoção e a parcialidade. O jornalista Marcos André Fernandes Cruz, em seu trabalho de conclusão de curso, “Futebol e a parcialidade nos meios de comunicação”, questiona: “É possível uma isenção total? E se possível, seria essa sempre desejável?... E se não for, haveria uma afetação significativa no fazer jornalístico?”

COSTA (2001, p.44) afirma que “na maioria das vezes, esse coração de torcedor, encravado no repórter, fala mais alto que tais princípios solicitados pela boa prática jornalística. Ele, muitas vezes, sente, cria e, fatalmente, opina”. O fato do jornalista esportivo ter um time de preferência, e até revelá-lo, nunca foi um trauma para a editoria. João Saldanha sempre defendeu que isso acontecesse. Dizia ele que “ninguém é filho de chocadeira, portanto, tem um time de futebol”. Ele ficava revoltado com os colegas que diziam, como Galvão Bueno, que nem sob tortura revelariam seu clube preferido. Armando Nogueira sempre disse que o cronista esportivo que não tem um time de futebol deveria deixar o jornalismo esportivo.

O que aconteceu em relação a Romário foi completamente diferente. Não se tratou da crônica vascaína em defesa do milésimo gol. O fato se transformou numa verdadeira onda, com uma parte expressiva da imprensa rasgando todos os compromissos éticos e participando de um grande evento inventado pelo jogador. Vejam o que o colunista Valdomiro Neto diz na coluna do dia 20 de março, no jornal Lance.

- “Tá certo. Romário contabiliza gols em sua lista de quando ainda era pequeno infante carioca. E em outras dezenas de jogos-treinos arquitetados para inflar seus números. Verdades que até os muros de São Januário sabem. Mas e daí? Ele não merece ser glorificado, como será, ao chegar a mil gols por calculadora particular?

Romário não é Pelé, nem mesmo Mané Garrincha. Mas Romário é letal, ele sim mereceria a alcunha de fenômeno pelo que fez em minúsculos espaços de gramado e longa carreira.

...independentemente do conteúdo científico da lista, o fato é que Romário, como profissional, já tem 900 gols. É pouco? E merece a festa do mil fictício pelo que fez em prol do futebol. Esqueçam um pouco a chatice dos números e entremos na esfera da simbologia.”



Quando é que se poderia imaginar, dentro de tudo o que se prega no jornalismo, ler de um profissional tal proposta. A TV Globo, por exemplo, começou tendo o cuidado necessário e ético, de falar, em todas as matérias sobre o assunto, que se tratava de uma contagem do jogador. Mas isso durou pouco. Rapidamente a emissora partiu para a festa, culminando com a desastrosa atuação do narrador Galvão Bueno na partida entre Vasco e Botafogo, uma das tantas que Romário teve na busca do seu, só seu, milésimo gol. Não foi uma narração, foi uma manifestação de alguém que, sob o pretexto do merecimento de Romário, torceu o tempo todo para que ele finalmente marcasse o gol. Culminando com a cena patética em que o jogador, sentindo câimbras, não participou da cobrança de pênaltis. Os telespectadores chegaram a ouvir a proposta de que se passasse a considerar como gol esta disputa, computando a Romário o milésimo, se ele viesse a bater.

Até Armando Nogueira, venerado e considerado por todos nós, da imprensa esportiva, um ícone, entrou nesta festa. Vejamos a sua crônica do dia 20 de março, também no jornal Lance, com o título *Romário já fez mais de mil*.

... Um velho amigo discorda de meu entusiasmo por Romário. Pra ele, a cesta de glórias de Romário é uma mistura de jóias e joios. Tem gol que merece vitrine, mas tem gol que não vale um adjetivo de esquina. Pra meu gosto, qualquer gol de Romário é brilhante. Tem quilate. Se me contarem que ele marcou um gol numa pelada no Aterro do Flamengo, darei como pronto e muito bem-acabado. Como bom tabelião, subscrevo e dou fé.

O que espantava, ainda mais, a cada edição que essa pesquisa foi realizada, é que parecia haver uma total despreocupação quanto ao fato de se assumir, publicamente, que a informação de que se tratava de um gol mil era realmente falsa, mas que não importava. CAPELLANO (2004,p.44) afirma:

O jornalista tem o dever de seguir os princípios de sua profissão, sob pena de desviar dos fatos e perder credibilidade. Entretanto, ao mexer com algo tão imprevisível e tão intimamente relacionado com a paixão como é o esporte, ele se vê em conflito consigo mesmo, pois é obrigado a lidar com as duas éticas que existem dentro dele. Ele não pode deixar que a ética do torcedor se sobreponha a do jornalista em momento algum. Quando isso acontece, o torcedor percebe de imediato, pois se reconhece no jornalista. Neste momento, ambos estão sendo levados pela mesma força.

Na edição de 21 de março, o Lance apresenta uma matéria sobre a contestação da estatística apresentada pelo jogador que, segundo o texto, aborrece Romário. A



matéria não apresenta qualquer questionamento sobre a postura do jogador ou busca apurar o que seria o dado certo.

“A contagem regressiva para o milésimo gol de Romário ainda causa polêmica e incomoda o camisa 11, que não compreende os motivos de tanta contestação.

- Se fosse contar todos os gols, que dizem que já fiz, estaria próximo da marca dos 3.000 na carreira, e não do milésimo. Há três profissionais da mais alta competência responsáveis pela lista. Posso comprová-los com imagens, súmulas e notas.

No mesmo dia e jornal, a coluna de Marília Ruiz traz o seguinte comentário:

... A festa dos 1000, 900, 897 é a festa da carreira desse gigante de 1,67m. gigante do Vasco, do PSV, do Barcelona, do Flamengo, do Fluminense e de todos os jogos de casados x solteiros que ele participou.

.... E tem gente que ainda acha agulha no palheiro para dizer que os gols 237, 436, 567 e 744 não valeram porque nos dias chovia e as súmulas apagaram. Parabéns Romário.

Recorrendo novamente à COSTA (2001, p.78-79), é importante ressaltar que “mesmo expressando sentimentos e opiniões, os escritores não podem deixar de transmitir a verdade dos fatos, independentemente da forma como escrevem ou dos recursos que utilizam”. Diz ela ainda:

É claro que, muitas vezes, em meio a essas cargas de passionalidade, os jornalistas esportivos ultrapassam os limites e comprometem a essência do jornalismo, que é a informação. Entretanto, ele não deve se esquecer da responsabilidade social que ele adquire ao assumir um compromisso de escrever em um veículo de comunicação. O jornalista esportivo comprometer-se em ser isento ao apresentar todos os lados de uma questão sem distorcer os fatos. É trabalhar com a dose de paixão característica deste segmento, mas sem deixar que suas preferências pessoais contaminem o andamento profissional.

CRUZ (2004, p.41) diz que “cabe aos jornalistas, a ciência das razões propulsoras da profissão - verdade, isenção e ética – para que a emoção seja apenas um bônus, que torna o jornalismo esportivo tão mágico e peculiar”. No caso Romário, gol mil, o que talvez pudesse ter sido utilizado para se buscar uma informação precisa para o público seria o bom e velho jornalismo investigativo. Deixado de lado, sob o pretexto do tempo de fechamento das edições, do número excessivo de pautas e problemas estruturais das empresas de comunicação, esta prática profissional possibilita o

questionamento, a utilização de diversas fontes e o uso do contraditório para que o leitor, ouvinte ou telespectador possa concluir sobre o fato.

O abandono desta prática da investigação e melhor apuração têm provocado uma atitude profissional totalmente voltada para a voz oficial. No nosso caso, a voz oficial foi sempre Romário. Não foram poucos os jornalistas que escreveram nas matérias sobre o assunto e em colunas, que a contagem foi apresentada por ele e, ponto final. Como assim? O mínimo que se teria que fazer era checar essa contagem. Foi isso que fez a Revista Placar. Circulando desde 1970 e um dos principais meios de comunicação esportiva do país, ela anuncia em sua edição de março (e prova) que a contagem está equivocada. Na capa, a revista apresenta o título: *Romário 1000 gols? Nem a pau!*

No interior, a matéria tem o título: *Menos, Romário...* O sub-título da matéria diz: *A favor do Baixinho, mas contra a cascata, Placar mostra que ele está perto dos 900, e não dos 1000 gols.* O texto de abertura diz que:

Romário considera em suas contas toda e qualquer partida jogada, mesmo antes de se profissionalizar. Mas a conta certa é um pouco diferente. Até 16 de fevereiro, faltavam, na verdade, 11 gols para a marca milenar, e não dez. Há uma “pequena” diferença de 101 gols entre a lista dele e a nossa. No total, Romário diz que já marcou 990 gols. Na realidade, consideramos que ele marcou 889 até essa data.

A seguir, Placar mostra as “irregularidades” na lista do jogador, como a contagem de 71 gols como amador; 9 gols no PSV, da Holanda, que ninguém no clube reconhece; 13 gols em jogos festivos (aqui estão os gols nos jogos dos times de amigos do Luisinho e amigos do Aldair); oito gols a mais pelo Vasco (a revista conta que o historiador do Vasco, Gustavo Cortês, diverge de Romário, que afirma ter marcado 303 gols e o pesquisador diz que foram 295).

Na edição do mês seguinte, a mesma revista sugere a Romário que abandone a idéia de milésimo gol fictício para se aproveitar de um dado real, expressivo e que talvez tivesse uma repercussão tão grande quando se o mil fosse de verdade. Na capa, com foto de Romário, a manchete é: *Romário maior que Pelé.* Como sub-título, *Acredite, o Baixinho está prestes a superar o Rei do Futebol e nem sabia disso.* No interior, a afirmação da capa vira pergunta: *Romário, maior que Pelé?* A revista mostra para Romário que existe um desafio muito mais real que poderia motivá-lo. Ela afirma que, quando se trata de partidas oficiais, Pelé marcou 720 gols e Romário, 716.



Portanto, a sugestão é que ele brigue por essa marca, que não teria qualquer forma de contestação e também daria repercussão e mídia.

PRADO (2006, p.5) comenta que “as rotinas de produção podem, por sua vez, distorcer ou simplificar o mundo dos acontecimentos e transformar a atividade num jornalismo burocrático, baseado em instâncias oficiais políticas, econômicas, policiais, entre outras”. Existem algumas pistas que poderiam explicar, mas não justificar o comportamento da imprensa em geral em relação a Romário, que seria o fator econômico. A história do gol mil rendeu público, patrocínio de um banco ao Vasco e a venda de jornais e audiência dos programas esportivos. O Lance, de 6 de abril, faz uma nota com o título “Renda passa de R\$ 2 milhões”, onde começa o texto dizendo que “na busca pelo gol mil, Romário já encheu os cofres de muita gente”, mostrando que o site Máquina do Esporte tinha feito um levantamento que provava o quanto os adversários e o próprio Vasco tinham lucrado nas partidas que tinham como motivação a busca do gol mil.

Segundo Fenández (2004), investigar no jornalismo significa contrastar toda informação que se obtém a partir de fontes documentais, verificar cada um dos dados possuídos e, principalmente, trabalhar baseado em uma sólida ética profissional que defende os meios lícitos pra denunciar uma fraude, uma corrupção ou qualquer prática irregular que atente contra o interesse público. Recorrendo ainda a Prado (2006, p.12), “o jornalismo constitui-se de versões, de narrativas que, se bem construídas, conferem credibilidade às notícias. Nos casos em que há omissões e equívocos na apuração, a qualidade e veracidade do trabalho jornalístico fica comprometido”.

Claro que a investigação sempre trouxe conflito para o jornalista em relação à fonte, quando encontra controvérsias. No caso Romário, a partir do momento em que se criou uma onda em torno da história inventada pelo jogador, foram poucos os que levantaram sua voz em relação à distorção dos números. O jornalista Roberto Assaf, na coluna de 23 de março, no Lance, diz o seguinte:

Não morro de amores por Romário. Mas também não serei ranzinza me agarrando às pesquisas que negam a existência dos mil gols, pois considero desnecessário que ele chegasse a essa marca para tornar-se definitivamente uma exceção. Creio apenas que está existindo uma euforia exagerada por parte de gente que chegou a criticá-lo com rigor, recomendando até, com alguma insistência, que o craque deixasse o futebol, e que agora, no embalo do oba-oba, se derrama em elogios.

Mesmo assim, aqueles que demonstravam descrédito em relação aos números, estranhamente não se posicionavam clamando pelo fim daquela farsa. Muito pelo contrário, admitiam que havia algo errado, mas lembravam que Romário estava acima de tudo. Pelo visto, acima inclusive da verdade. Mauro Betting, outro cronista respeitado, escreve no Lance, do dia 23 de março:

É milésimo? Não é? E daí?

Não serei eu a recontar gols e discutir os números de Romário. Primeiro: ele é indiscutível dentro da área – e nunca quis ser fora dela. Segundo: contra fatos há muitos argumentos na matemática da bola. Terceiro: ele é da categoria de artista que não se mede grama, em grama ou em grana. Milésimo: Romário é da gama de gênios que só listam conquistar para acabar com comparações conspiratórias.

Também no mesmo dia 23 de março, no O Globo, Renato Maurício Prado, que depois da suposta marcação do gol mil contra o Sport, também caiu na onda do milésimo, dava a dimensão exata da situação e mostrava o quanto ridículo estava sendo o papel da imprensa em acompanhar o capricho do jogador.

A história da lista dos mil gols está cada vez mais engraçada. Nas contas dele, só faltam dois para chegar ao milésimo. Mas, segundo descobertas recentes (considerando-se verdadeiros todos os 998 gols contabilizados até hoje), Romário, na verdade, já teria ultrapassado a marca – estando, atualmente, com 1001 tentos!!! Tudo porque descobriram três gols esquecidos. O primeiro foi em 27 de junho de 1982, pelo Carioca Juvenil, contra o Campo Grande - 2 a 2. Outro aconteceu em 1984, pelos juniores do Vasco, numa final contra o Flamengo, empatada em 1 a 1. E o terceiro, em 1994, logo após a Copa, num amistoso entre os “Amigos do Romário” e a Seleção Capixaba, no Espírito Santo. Romário marcou de pênalti - exibido no Globo Esporte. Diante da descoberta (válida, pois a lista “oficial” também contempla gols nas divisões de base e em partidas comemorativas), o milésimo teria sido, na verdade, o segundo dos três gols que o Baixinho marcou no Boavista, em Saquarema, que pode reivindicar ser considerada palco do feito histórico. A vítima? O goleiro Erivelton. Uma boa saída para que Romário ainda comemore o milésimo gol, com alguma coerência, seria retirar da lista os dois gols que marcou contra o Brasiense e Figueirense, no Brasileirão 2005 (por causa do “affair” do juiz ladrão Edílson Pereira de Carvalho). Desta forma, ficaria com 999 e bastaria um golzinho para fazer a sua festa no Maracanã, contra o Flamengo! Como nesta contagem vale tudo mesmo...

Esse exemplo reforça a necessidade de se pensar a ética no jornalismo, de se pensar e avaliar a prática profissional. Ora, se todos estão dizendo que é uma contagem errada nesta lista do jogador, que há tantas coisas estranhas, porque todos participaram, divulgaram e incentivaram a festa? Adotaram a técnica nazista de que uma mentira, de

tanto ser repetida, se transformaria em verdade. No entanto, pesquisadores e estatísticos de futebol, profissionais que ainda se mantinham distantes da falsa euforia, continuavam clamando pelo bom senso dos colegas. A reação era de desprezo e de crítica aos jornalistas que contestavam a situação.

Os jornais paulistas, até mesmo pela rivalidade com o Rio, trataram o tema com pouco caso e fazendo algumas matérias que desmoralizavam a festa dos mil. A Folha de São Paulo, de 24 de março, numa matéria do repórter Rodrigo Bueno, intitulada *Romário põe até sub-17 na rota do milésimo*, tendo como sub-título: *Jurisprudência. Gols como amador deixam astros da nova geração bem mais perto da marca*. O texto mostra que “a grande polêmica em torno da lista de gols do Baixinho é a contabilidade de gols do atacante como amador, algo incomum até então no futebol”. O jornalista entrevista o estatístico que cuida dos gols dos jogadores do Internacional e mostra como atletas ainda amadores já dizem ter muitos gols e a projeção de que, em breve, seguindo o critério escolhido por Romário, teremos muitos com mil gols.

O Estado de São Paulo, no dia em que Botafogo e Vasco iriam se enfrentar, publica uma matéria com o seguinte título: *Um está a 81 do milésimo. O outro superou os 2 mil*. A matéria, nitidamente para ironizar a conduta da imprensa carioca, mostra que, no interior gaúcho, um jogador chamado Pelego, afirma ter 919 gols. Já um médico, que é atleta de fim de semana, afirma ter 2205 gols nas peladas que bate. Ele afirma que a esposa comemora a cada quinhentos com um bolo e, por isso, ele tem o número certo. A matéria cita, de passagem, que um outro, Romário, estaria em busca da marca dos mil naquele dia.

No Lance, dia 1 de abril, a coluna de Carlos Alberto Vieira mostra a repercussão do gol mil no exterior (expectativa ainda). Entre os jornais, o San Diego Tribune (EUA) que indagava: “Muitos duvidam da soma, inclusive parte da imprensa brasileira. Tem gol que ele marcou pelos juniores, amistoso contra amigos do Aldair e Luisinho. É mil ou não?”. O jornalista Marcelo Damato foi um dos poucos a escrever nos jornais pesquisados contra o que ele chamou de “circo”. Sua crônica é contundente e mostra, efetivamente, a que ponto a situação chegou.

Hoje o Vasco vai a Cabo Frio para jogar bola. Como você sabe, o Circo do Gol 1000 só faz sessão no Maracanã. Circo é a melhor palavra para definir a quizumba armada em torno do gol que tentam eternizar como o milésimo – um dia ainda se descobrirá o número correto, mas já está claro que não há critério, a não ser o do “eu quero que seja assim”, que faça o próximo ser o número 1000. Aquilo que parecia somente uma marca esportiva, deixando a

contestação de lado, mudou de figura quando surgiu a chance de ela acontecer diante do Flamengo. Aí, os olhos da cobiça de todos brilharam de verdade. O circo foi armado, as luzes preparadas, mas não deu certo. Quem não tem Flamengo, caça com Botafogo, pensou-se. Chutou-se o Americano para fora da festa e se armou o circo outra vez. Novo fracasso e nova filosofia de ocasião: é melhor um Gama na mão do que um rival voando. Mas o time candango, lembrando a heróica batalha contra o seu rebaixamento espúrio em 1999, novamente mostrou que tem fibra. “Para cima de nós, não”. Após a frustração, o constrangimento. Narradores e comentaristas não sabem o que fazer com os discursos mirabolantes cheios de superlativos pinçados das páginas dos dicionários para a hora da apoteose. Tudo já foi dito e todos já foram entrevistados. Só o gol não saiu. Romário diz que a lista não é dele, mas já recusou a adição de três gols, um pelo PSV, só para não estragar a festa, o que mostra que mais importante do que o feito esportivo é faturar em cima dele... O irônico dessa história é que os tais jornalistas holandeses tivessem descoberto esse gol esquecido no PSV umas horas antes, ele teria entrado na lista e o Circo Romário teria chegado à apoteose contra o Flamengo, como tantas pessoas desejavam.

O que poderia ser dito é que os exemplos até agora citados são os de trechos de colunas, onde o espaço é livre para a opinião. O que não isenta qualquer profissional de imprensa de seu compromisso com a verdade. Mas vamos aos textos chamados informativos, que também apresentaram sérios problemas. Além do excesso de adjetivação, especialmente sobre Romário, que virou sinônimo de gênio, mito, Romágo, entre outros, a ausência de melhor apuração ou de denúncia de situações estranhas ao futebol e ao comportamento normal dentro do esporte e do jornalismo foi marcante neste período de “agonia” do jogador e daqueles que, além de gostarem do esporte, defendem uma comunicação séria.

O Lance, em 23 de março, publica uma matéria com o título *Pais de peixe, corujas são*. Nesta reportagem, além da mãe de Romário afirmar que o filho não gostava de treinar e que a fez torcer pelo Flamengo, os repórteres fazem uma retranca com o título “*Num caderno, a lista do pai do Baixinho*”. “Com a proximidade do milésimo gol de Romário, muitas novas listas chegam, seja para acrescentar ou retirar um número do Baixinho. Mas tanta polêmica não agrada nem um pouco a seu Edevair.”, diz o texto. A seguir, uma declaração do pai de Romário dizendo-se revoltado com a “audácia” de quem quer tirar algum gol do filho. Ele conta que tem sua lista e que ela coincide com a de Romário. Quando começou a anotar os gols? Por que? Qual o critério que ele adotou? Não aparece na matéria.

No O Globo, dia 30 de março, a matéria que falava do Vasco relata o jogo-treino do clube com o Duque de Caxias. “Dezenas de crianças gritavam o nome do artilheiro, que marcou dois gols. Até um jornalista entrou em campo para tentar defender um

pênalti de jogador”, diz o texto. Pergunto: por que os dois gols marcados no jogo-treino não foram contabilizados, se outros tantos foram? A matéria não conta. Relata o texto que um jornalista entrou em campo para tentar defender o pênalti, como se isso fosse um feito. Jornalístico, certamente, não foi. O Lance, do dia 1 de abril, publica matéria com o título *Ingressos serão relíquias*. O texto afirma o seguinte: Os ingressos para o jogo de hoje serão, em algumas décadas, verdadeiras relíquias do futebol, como atualmente é o bilhete para o jogo entre Vasco e Santos, no qual Pelé, de pênalti, atingiu os mil gols.”

Acontece que este ingresso seria realmente relíquia se já fosse certo o gol mil, no entanto, a partida com o Botafogo não teve esse feito realizado, portanto, o texto foi, no mínimo, imprudente, desrespeitoso ao adversário do Vasco e falso. No dia 4 de abril, no mesmo Lance, uma matéria com o título: *Como será o gol 1.000?* O sub-título diz que “cabeça e pé direito são as armas de Romário para marcar contra o Gama”. Curiosamente, a estatística, tão renegada por vários profissionais pró-gol mil, entra em ação no texto.

Nesta temporada, o Baixinho já fez 12 gols em dez partidas disputadas. Quatro deles foram marcados de cabeça e outros quatro com o pé direito. Mas três foram em pênaltis convertidos e apenas um com o pé esquerdo. Ou seja, as estatísticas não apontam que o milésimo seja de pênalti, como deseja o próprio atacante, mas sim, com uma cabeçada ou o famoso chute certo de pé direito.

Neste mesmo dia e jornal, um box apresenta a seguinte afirmação do sub-editor do Lance, Jefferson Rodrigues: “Com a festa do milésimo gol de Romário preparada, o Vasco não vai decepcionar sua torcida e vencerá com muita facilidade o Gama, com direito a dois gols do Baixinho. 4 a 0”. Além de Romário não marcar e o Vasco ser eliminado pelo Gama, na Copa do Brasil, fica a decepção pelo comentário precipitado. Ainda nesta mesma edição, uma matéria com o título *Retrospecto favorável*, onde o texto fala que Romário não é de ficar longo tempo em jejum de gols no Maracanã, novamente afirmando que, contra o Gama, naquele dia, sairia o gol mil. E mais, afirma que depois do gol 999 contra o Flamengo ele teve a chance nos dois jogos contra o Botafogo. “Mas o alvinegro contrariou a expectativa de todos e não sofreu o milésimo gol”.

A derrota e eliminação do Campeonato do Rio de Janeiro e, posteriormente, da Copa do Brasil, começou a gerar por parte dos vascaínos críticas ao esquema que



estavam vendo. Lembravam que o Vasco era maior que o jogador. Mas logo houve uma grita geral dos cronistas, alguns dizendo que o brasileiro não preserva seus ídolos e heróis. Alguns, como Lucas Pereira, chegaram a lembrar e comprar a situação de Maradona.

“Mais respeito com Romário. Está havendo uma inversão de valores! É só verificar o que Romário já fez pelo time do Vasco da Gama, mesmo este ano. Se fosse na Argentina e Maradona quisesse voltar a jogar, a fim de chegar ao milésimo gol, a nação estaria ao lado dele. Depois reclamam que os craques saem do Brasil” (Lance, dia 7 de abril).

Mas, uma das mais incríveis foi publicada no Lance, na véspera do confronto entre Vasco e Botafogo, pela semifinal da Taça Rio. O jornal entrevista o árbitro sorteado para dirigir a partida e este, sem nenhum pudor, fala da emoção de apitar o jogo do gol mil, diz que pretende ficar com a bola e sentirá orgulho em dizer que apitou a partida que Romário fez o milésimo. Isso na véspera. E ainda a reportagem perguntou se ele estaria, então, torcendo para que Romário marcasse e o juiz admite, que sim. Nenhuma estranheza na matéria em relação a isso. Dia seguinte, o presidente da comissão de arbitragem é ouvido e diz que o juiz devia ter tido uma “diarréia mental”. Também a declaração foi encarada sem qualquer questionamento ou espanto. Afinal, tudo pelo gol mil. Em outras circunstâncias, a arbitragem seria questionada e até mudada, afinal, estava sob suspeita.

MIOTTO (2003, p.47), em um texto intitulado *A invenção da notícia*, fala que “entre os leitores, circula a idéia de que algumas notícias são inventadas pelos jornalistas”. Ele cita Adriano Rodrigues que, na apresentação de Henri-Pierre Jeudy (1995), p.9) sinaliza para essa preocupante realidade do jornalismo.

... a partir dos anos 80 consumou-se o processo que ele denomina de “desrealização” do mundo”, isto é, os discursos e as imagens midiáticas perderam qualquer ancoragem com a realidade. E faz severa crítica ao jornalismo quando observa: “é por isso que os acontecimentos já não precedem a informação mediática, mas se convertem em pretexto para o funcionamento e para a performance dos media”.

Ainda recorrendo a Miotto, ele afirma que “quando não concordamos com alguma notícia, procuramos saber quem é responsável pelo que foi publicado. É o dono da empresa ou o jornalista? Ou será a fonte, a pessoa que fornece os dados para a elaboração da notícia?...” No caso que estudamos, fica claro que a estatística feita por Romário (no caso, encomendada por ele e divulgada para a imprensa) tem sua base de

erro na fonte, mas isso não minimiza a parte de responsabilidade dos jornalistas que, ao detectarem problema na contabilidade apresentada, verificando erros e distorções na estatística, mantiveram a informação da fonte como verdadeira.

Enfim, chegou a partida do Vasco diante do Sport Club Recife. Jogo em São Januário, ou seja, o local renegado para o “feito” do milésimo, mas que acabou sendo escolhido para nova tentativa do jogador. Aos dois minutos e quarenta e cinco segundos do segundo tempo, cobrando pênalti, Romário foi aclamado como segundo jogador brasileiro a atingir a marca de mil gols. Desnecessário relatar aqui o que a mídia fez do fato. O jogo ficou interrompido muito tempo, Romário fez todo o ritual que vinha sendo prometido desde a primeira tentativa frustrada. O que se ouviu nas mesas redondas nas tvs (aberta e fechada) é digno de outro estudo. O narrador do canal Sportv chegou a agradecer a Deus, no ar, por ter sido escalado para o jogo, enquanto o comentarista dizia-se estar abalado até aquele momento (muito depois do fim da partida), com o que viu naquela noite. O gol foi repetido mil vezes (e aqui a contagem está bem mais próxima de ser real).

No dia seguinte, o Lance fez a cobertura dando o tratamento de um feito histórico e inesquecível. O Globo também fez sua festa, mas teve a decência de publicar uma matéria com o título *Contagem cercada de polêmica*. A matéria chama a atenção para mais uma polêmica na vida de Romário, agora com a estatística. Fala que a contagem foge ao padrão do que se pratica em todo o mundo, ou seja, não se computa gols que não sejam em jogos oficiais e como profissional. É entrevistado o pesquisador Gustavo Cortês, que trabalhou neste setor no Vasco. Ele fala do jogo de despedida de Luisinho (ex-América) em que Romário jogou pelo América e marcou quatro gols. “Esse jogo é uma piada. O placar foi 11 a 5 e ele fez quatro. A partida não teve nem súmula, nem juiz”, disse o pesquisador.

Considerações Finais

Retomando ao que combinamos no começo deste texto, sabemos o quanto Romário foi significativo para o futebol brasileiro. Sabemos também o quanto a imprensa esportiva vive da emoção, explora esse sentimento de paixão do torcedor para sobreviver e se manter como uma das editorias mais procuradas pelo público. Admitimos, também, que o jornalismo sofreu mudança com as tecnologias que chegaram, transformando aquele noticiário de agenda, de cobertura do dia-a-dia



superado em prol da previsão do que vai acontecer e, daí, a especulação. Além disso, estamos vivendo um cenário de super-valorização das celebridades.

PAIVA e SODRÉ (2004, p.134 e 135) tratam bem disso quando lembram que a filosofia grega pregava que “mais vale ser do que parecer” e que hoje vivemos o “mais vale parecer do que ser”. Eles falam que “a imagem precede a substância, o discurso tende a abolir a ação. A mídia não fala de alguém porque ele é famoso: ao contrário, ele é famoso porque a mídia fala dele”. Romário preenche todos os requisitos desta “celebridade”. Independente do juízo de valor que se faça da capacidade técnica de Romário, o que se pretende trazer à tona é a discussão sobre o papel e a dimensão que deve ser tomada pelo jornalismo esportivo.

O fato dos “mil gols”, mais do que uma polêmica, representa um sinal de alerta. Apesar do merecimento, do sentimento de valorização do esforço individual do atleta ou de seu passado, da importância de se preservar e proteger os ídolos e chamados heróis nacionais, o profissional de comunicação não pode e não deve abrir mão de um compromisso maior que é a busca e a valorização da verdade dos fatos. E, neste caso, provas não faltavam para que a mídia recusasse a participação e a transformação do falso no real, sob qualquer pretexto.

Sabemos que não é fácil assumir o papel de crítico numa hora de festa, até pela confusão que se criou no juízo de valor e merecimento, quando não se trata disso. A lição que fica é realmente a de definir e repensar o caminho que o jornalismo esportivo segue, o da especulação, do cada vez menos reflexivo, do voltado para o espetáculo, sem que os princípios básicos para uma boa reportagem sejam considerados. Que, pelo menos, se tivesse o cuidado de dizer que se tratava de uma “festa particular”, que todos estavam convidados, mas que soubessem, de antemão que existiam muitas coisas a mais por trás desta folia. Sob pena de perdermos a principal virtude de nossa profissão, a credibilidade.

Referências bibliográficas:

CAPELLANO, Renata. **O torcedor de futebol e a imprensa**. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

COSTA, Andréia C. Barros. **Bate-bola com a crônica – O futebol, o jornalismo e a literatura brasileira**. Juiz de Fora: UFJF; Facom. 2001.

COSTA, Marcia Regina. (et.al.). **Futebol: Espetáculo do Século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.



CRUZ, Marcos André Fernandes Cruz. **O futebol e a parcialidade nos meios de comunicação.** Trabalho de conclusão de curso. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

MIOTTO, Gaspar Bianor. **A Invenção da notícia.** In: Jornalismo Além da Notícia. SILVEIRA, Ada Machado da. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.

MUNIZ, Sodré e PAIVA, Raquel. **Cidade dos Artistas.** Cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PRADO, Davidson; BUENO, Fernanda; MORAES, Luisa; FUSCO, Talita. **Perdas e danos na apuração no jornalismo policial. Quando a vítima é a notícia.** Trabalho de conclusão de curso. Belo Horizonte: PUC, 2006.

Fontes pesquisadas:

Jornal Lance: Rio de Janeiro: meses de março, abril e maio de 2007.

Jornal O Globo: Rio de Janeiro: meses de março, abril e maio de 2007.